

Júlio Pedrosa de Jesus

CICECO, Universidade de Aveiro

1. O tema da conferência e os tempos que vivemos

O tema desta conferência é um excelente estímulo para se conversar sobre os fins da educação e os contextos em que educadores e professores procuram cumprir a missão de educar dos zero aos dezoito anos, em Portugal.

Os variados ambientes em que vivemos, os contextos em que as nossas crianças nascem e crescem, os sinais dos tempos que aí vêm, estão associados ao dia-a-dia dos cidadãos que a escola acolhe e que não nos podemos dispensar de considerar quando reflectimos ou debatemos questões de Educação. De facto, vivemos tempos difíceis, com desenvolvimentos imprevisíveis, a que precisamos de acrescentar ESPERANÇA e a esperança cresce quando se EDUCA BEM e para o BEM COMUM. Porque educar é fazer crescer a pessoa humana, fazer crescer significando aprender para poder entender o mundo, o ambiente físico e natural, as pessoas e as suas comunidades de vida. Educar é criar as bases para cada um entender quem é, para aprender a ser uma cidadã, um cidadão digno, livre e solidário

Porém, o mundo à nossa volta dá sinais que não podemos ignorar:

- a. As cenas de violência em múltiplos e variados contextos e o que está por detrás delas.
- b. As migrações europeias a que ligamos apenas uma palavra, *refugiados*, sem nos interrogarmos sobre as origens destes movimentos de pessoas.
- c. Os terrorismos nas suas múltiplas expressões e origens.
- d. A pobreza e a fome, ao lado de expressões várias de continuado enriquecimento de alguns.

- e. As distintas formas de as sociedades se organizarem e serem governadas, com expressões variadas no desenvolvimento social, cultural, científico, económico, educativo.

Não consigo pensar em Educação sem me dirigir, a mim mesmo, algumas perguntas:

- Em que tipo de sociedade desejo eu viver e que desejaria deixar para os filhos e netos de nós todos?

- Será que a Educação tem algum contributo a dar para se construir uma tal sociedade no nosso dia-a-dia, em casa, nas escolas, nas ruas, nas empresas, em todas as organizações e comunidades que acolhem pessoas para o trabalho, o convívio, o desporto, o lazer?

A Educação começa ao nascer, temos dito e repetido em múltiplas ocasiões e contextos. Mas a Educação Escolar é, e nunca vai deixar de ser, um meio credível, confiável, de proporcionar às crianças e aos adultos estruturas dedicadas ao saber e arte de educar para fazer crescer o ser humano.

A chamada “era digital” é um contexto novo e desafiante, para educadores e professores, para pais e cidadãos. Um contexto novo e um desenvolvimento de recursos poderosos que exigem competências próprias, para serem postos ao serviço do crescimento da pessoa humana através da Educação. O maior desafio é para os professores e para os pais, a quem cabe contribuir para o desenvolvimento das crianças quando assumem a responsabilidade de educar.

Esta realização da Fundação Calouste Gulbenkian é uma prova claríssima de que os professores, as professoras, todos quantos querem ser e são educadores, estão disponíveis e interessados em responder aos desafios que a missão que assumiram lhes traz. A era digital é, será certamente, um tempo de presença esmagadora de novos instrumentos de trabalho que criam contextos novos, desafiantes, para quem educa.

Quando preparava esta intervenção lembrei-me de um livro sobre Educação que li em 2002, há dezena e meia de anos, quando terminei o período em que assumi responsabilidades no Mistério da Educação. A tradução portuguesa, publicada em

2002, tem o título: *O Fim da Educação – Redefinindo o Valor da Escola*, reflectindo bem o título original do livro publicado nos EUA em 1995: *The End of Education – Redefining the Value of School*. A ambiguidade do título é reconhecida pelo autor, que foi Professor e Director do Departamento de Cultura e Comunicação na Universidade de Nova York. É um título que, como reconhece o autor, pode ser entendido como significando que a Educação vai acabar, ou acabou. Este é um entendimento daquela expressão que algumas vezes associam à chamada era digital, à crescente presença das TIC e dos meios de comunicação na Educação. Ora o autor do *Fim da Educação*, Neil Postman, que começou a sua vida académica como professor de Educação Primária, conhecido e reconhecido pelo sentido e valor daquilo que escreveu e publicou sobre Educação, anuncia que a interpretação aqui usada é de *fim* significar *propósito*, desígnio. O seu prefácio do livro é bem claro sobre o que o autor pensa:

Quando ouço o que as pessoas têm a dizer sobre o ensino, reparo que a maior parte das discussões gira em torno dos meios – raramente se debruça sobre os fins.

Deveríamos privatizar as nossas escolas?

Haverá necessidade de implementar parâmetros de avaliação nacionais?

De que modo deveríamos utilizar os computadores?

Que uso fazer da televisão?

Como poderíamos ensinar a leitura?

E por aí fora ...

Peço a vossa compreensão para, também eu, numa ocasião como esta, não focar a atenção nos meios, nos instrumentos educativos de que dispomos e nos contextos novos e desafiantes que a era digital está a criar, preferindo reflectir e analisar convosco os fins da Educação e da Escola. É que são enormes os desafios que professores e educadoras têm pela frente, se levarem a sério a missão de educar as nossas crianças. Isto é, se levarem a sério o trabalho que dá fazer aprender, aprender a ser, aprender a viver com os outros, aprender a conhecer e aprender a fazer.

Então o que é Educar? Que fins devem as instituições educativas prosseguir? Que relações com as famílias devem estas cultivar para educarem as nossas crianças dos três aos dezoito anos?

Não é fácil encontrar respostas e as eventuais respostas varia, certamente, com quem a formula. *Aquilo que se pretende ao administrar e exigir educação depende do ponto de vista de que se parte para encarar o assunto. A maioria daqueles que educa não se preocupou em formar previamente uma opinião sobre esta questão ...* (Johan Friedrich Herbart, *Pedagogia Geral*).

Esta transcrição e a de Postman servem apenas para sustentar a crença, que é a minha, em que pensar a Educação e a Escola na era digital, inovar e desenvolver a capacidade de educar crianças e adultos hoje e no futuro exigirá sempre uma reflexão séria, profunda, sobre os fins da Educação e a missão da Escola.

Uma análise exigente, visionária, sobre a missão da Escola ontem, hoje e amanhã, que nos conduza a dispor de meios e contextos para garantir que tal missão seja cumprida, com o envolvimento dos pais e das comunidades, dos responsáveis políticos e da administração educativa. Sem este investimento, ninguém vai estar preparado para proporcionar boa educação a todos na era digital. A todos significando a qualquer pessoa, independentemente da sua origem e condições de vida.

2. Os fins da Educação e a missão da Escola

Os tempos que vivemos em Portugal são reveladores de que abunda a falta de educação e de que vivemos tempos diferentes daqueles em que nascemos.

- a. Cenas gravadas em escolas, distribuídas e comentadas em múltiplos “palcos”
- b. Violências diversas em casas, em escolas, na rua, com diversas origens e contextos são notícia todos os dias
- c. Desencontros variados nas famílias, nas comunidades, abundam

- d. Desertificação de extensas zonas do território e continuada diminuição da natalidade
- e. Em 1960 registaram-se 213 895 nascimentos e em 2014 nasceram 82 367 crianças
- f. Envelhecimento da população, com claras diferenças entre distintas regiões de Portugal
- g. Heterogeneidade social, cultural, económica, que originam diferentes capacidades, competências e condições de mudança para melhorar
- h. Aumento das desigualdades, da pobreza, de exemplos de vida sem as condições mínimas de desenvolvimento humano, ausentes dos meios de comunicação social
- i. Nos últimos anos multiplicam-se sinais e discursos públicos que diminuem a capacidade de reforçar a confiança mútua, o bem mais escasso nas nossas comunidades

Há um vazio sobre a busca de respostas a uma pergunta pertinente e relacionada com o que aqui nos reúne : Que princípios, que valores, são já consensuais entre largos sectores sociais e em múltiplos países e regiões do mundo, que nos ajudem a formular uma ideia caracterizadora da Sociedade em que queremos viver e para a qual a Educação deve contribuir?

Existe evidência de que somos capazes de fazer bem e com sentido de responsabilidade, que recuperámos de atrasos de séculos e de que as escolas, os professores e as famílias, em Portugal, dão grande valor à Educação e dedicam-lhe tempo, trabalho e amor. Aqui estão alguns sinais do que somos capazes de realizar:

- Expansão da oferta e do acesso à educação em todos os níveis em muito pouco tempo. Note-se que em 1970 o nível de analfabetismo era 30 %, no senso de 2001 observou-se que 14.4 % da população não tinha qualquer nível de escolarização e no senso de 2011 a população sem qualquer nível de escolarização era 23% na população com idade

superior a 55 anos, 4% na população com idade 35-54 anos e 2% na população com idade 25-34 anos

- A Educação Superior e a Ciência tiveram desenvolvimentos notáveis, reconhecidos por parceiros em qualquer país em que há trabalho colaborativo ou outro com portugueses envolvidos. Em 1965/66 tínhamos 28 012 alunos a frequentar as 3 universidades existentes em Portugal e em 2014/2015 (em apenas 50 anos) a rede pública e privada de instituições universitárias e politécnicas acolhia 349 658 alunos (12 vezes mais, um crescimento único na Europa).

A questão é, pois, esta: como é que na era digital garantimos, em Portugal, uma Escola de Qualidade Aberta a Todos, alinhando as nossas escolhas estratégicas, as políticas nacionais e as práticas com princípios e desígnios que aceitemos para orientar as políticas públicas. O caminho escolhido tem sido o de procurar promover o acesso universal à escola com objectivos a variar com o tempo e os contextos ... pré-escolar, básica ... secundária ... Também a abertura do acesso a educação superior tem sido considerada uma prioridade, seguindo o caso exemplar dos EUA (início do século XX).

Note-se que só em tempos bem recentes emergiu a preocupação com a garantia de qualidade (Education for All - THE QUALITY IMPERATIVE, [EFA Global Monitoring Report 2005, UNESCO, Paris, 2004] ... *In the many countries, the focus on access often overshadows the issue of quality... Better quality education for all*).

Em Portugal, aquele objectivo está presente em muitos discursos, mas também abunda a evidência de que muitos falantes da Educação esquecem alguns factores críticos a ter em conta para se dispor de Educação de qualidade para todos, bem relevantes na terra em que vivemos:

- Heterogeneidade social, cultural, económica de alunos e respectivas famílias

- Expansão da oferta e do acesso à Educação em todos os níveis, em muito pouco tempo, seguida de mudanças demográficas rápidas e com impactos significativos na procura escolar
- O progresso feito na qualificação do pessoal docente e das escolas, procurando abranger o país inteiro, na sua diversidade, desde a educação de infância ao nível superior
- Mudanças várias nas escolas, no seu enquadramento e modelo de gestão, nas orientações curriculares e avaliação, sem regulação e acompanhamento próximo
- Ausência de um quadro de referência estável, mobilizador dos parceiros relevantes, para acolher e dar sustentabilidade a um sistema exigente, de qualidade, de educação aberta a todos

Que respostas, podemos, então dar á pergunta, quais são os fins da educação?

... A questão fundamental não é de educação nova versus educação velha, nem de educação progressista versus educação tradicional, mas de qualquer coisa, o que quer que ela seja, que valha a pena chamar educação ... Aquilo que queremos e de que necessitamos é de educação pura e simples, e faremos progresso mais seguro e mais rápido quando nos devotarmos a descobrir justamente o que é educação e que condições devem ser satisfeitas para que a educação seja uma realidade e não um mero nome ou slogan (Jonh Dewey, Experience and Education, 1938).

Olivier Reboul responde assim à pergunta o que é educação? *Afirmou-se que educar provinha do latim educere, “fazer sair”, “pôr fora”... não é exacto ...*

- *O termo vem de outro verbo, educare, que significa criar animais ou plantas e, por extensão, cuidar das crianças.*
- *... Busca então o sentido a dar à palavra educação olhando para os sinónimos criar, ensinar e formar.*
- *Criar refere-se à educação em sentido restrito; no essencial coincide com a da família.*

- *É a educação associada à ternura e aos cuidados da mãe e do pai*
- *O termo ensinar seria ... associado à educação intencional, às actividades desenvolvidas em instituições cujas finalidades são expressas usando “métodos mais ou menos codificados”, sendo “assegurada por profissionais”.*
- *Formar ... Trata-se, então de preparar as pessoas para uma função social: ser professora, ser podador de árvores, ser electricista, ser médica, ser cozinheiro, ser guia turístico, ser engenheiro civil.*

E Peters, em 1960, no Reino Unido propõe-nos ... que o conceito de educação não se refere a nenhum processo particular, mas a uma família de processos que satisfazem critérios inscritos na palavra educação

- *Treino*
- *Instrução e aprendizagem pela experiência*
- *Ensino e aprendizagem de princípios*
-
- *Transmissão de pensamento crítico*
- *Conversão do “homem todo”*

«Eu tinha uma atitude típica acerca do ensino (há 30 anos) – “os bons professores não se fazem”. O meu ponto de vista actual é muito distinto, é que ensinar é uma profissão especializada, que só se pode aprender através de muito estudo e experiência»
(Presidente da *National Academy of Sciences*, dos EUA, Professor Bruce Alberts, 1997).

3. Educar, na era digital, em Portugal

Procurei propor que se considere uma reflexão sobre a Educação na era digital prestando grande atenção aos Fins da Educação, dedicando um olhar livre, independente e rigoroso à nossa condição presente e aos caminhos que percorremos.

Em Portugal, ainda hoje não recuperámos dos efeitos das pedras encontradas nos caminhos que fizemos para desenvolver a Educação e recuperar de atrasos de séculos. Por isso, procurei defender a ideia de que a Educação na era digital, em Portugal, requiere que os actores educativos, em casa, na escola, nas variadas esferas com influência na Educação decidam e conduzam o seu trabalho a partir de alguma ideia consensualizada sobre os fins da Educação e a missão da Escola.

Acrescentarei apenas que o cumprimento de tais fins deve contribuir para o nosso desenvolvimento, ... *o desenvolvimento ... tomado como um processo de alargamento das liberdades reais de que uma pessoa goza ... tendo ... a perspectiva de liberdade que Amartya Sen nos propõe e que inclui quer os **processos** que proporcionam a liberdade de acção e de decisão quer as **condições** reais das pessoas, de acordo com as suas circunstâncias pessoais e sociais* (Amartya Sen, *O Desenvolvimento como Liberdade*, Gradiva, 2003, p.19 e 33).

Eu tendo para crer que desenvolvimento humano é aquele que garante às pessoas serem pessoas, crescerem, em cada dia, nas dimensões físicas, intelectuais, de sensibilidade. Por isso, gosto da ideia de *desenvolvimento como liberdade*, de Amartya Sen, porque o desenvolvimento entendido como liberdade traduz os processos e as condições para se poder ser e crescer com autonomia, garantindo a vida com dignidade.

A Educação é, na verdade, o principal meio de que dispomos para ampliar as capacidades e condições para se crescer e ser pessoa em plenitude, viver dignamente a vida, em liberdade. E isto é o desenvolvimento humano que desejamos ver acontecer todos os dias em todos os sítios que habitamos.

A Educação é ainda um dos alicerces da cultura, cultura vista como *conjunto de saberes, saber fazer, regras, normas, interdições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos que se transmitem de geração em geração, (e que) controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social* (Edgar Morin, 1999).

Enfim, a Educação na era digital que vivemos e em que viverão os nossos filhos e netos deveria ser, na minha forma de ver, aquela que garante a realização dos fins que aqui trouxe para análise e reflexão, que promove o ser, o saber e o saber fazer, bem como os princípios e valores que hão-de regular a Sociedade em que desejamos viver.